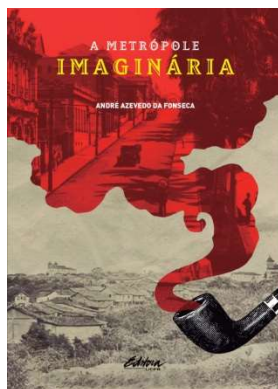


A metrópole da ilusão: o teatro social de Uberaba de 1940

Douglas Meurer Kuspiosz¹

Resenha de: FONSECA, André Azevedo da. *A metrópole imaginária*. Curitiba: Ed. UFPR, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v14i26.59293>



Em *A Metrópole Imaginária*, o historiador André Azevedo da Fonseca apresenta uma complexa discussão sobre o imaginário local da cidade de Uberaba (MG) entre os anos de 1940 e 1950, partindo da percepção de que a imprensa atuou como principal difusor dos ideários de civilização formulados pelas oligarquias locais.

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Fonseca atualmente é professor associado no Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). *A Metrópole Imaginária* é um dos resultados do seu processo de doutoramento.

¹ Douglas Meurer Kuspiosz. Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, Brasil. E-mail: douglas.meurer@uel.br - <https://orcid.org/0000-0001-9181-9035>

Dividido em quatro capítulos, o livro realiza uma análise dos processos sociais de encenação social das elites do interior de Minas Gerais na primeira metade do século XX. Para isso, emprega como fontes as colunas sociais da imprensa da época, observando a manipulação das regras de etiqueta como forma de distinção e de violência simbólica contra quem ameaçava o imaginário da modernidade.

Em uma crítica à perspectiva memorialista da produção histórica financiada pelos poderes públicos locais, Fonseca atualiza a história da cidade e aponta os fatores que a levaram ao apogeu e à decadência econômica, quando os coronéis foram acionados para disciplinar os trabalhadores locais e criminalizar a “vadiagem”. Contudo, na década de 1930, no contexto da criação de um novo imaginário de modernização, civilização e cultura nos termos do Estado Novo, o controle e a disciplina pela violência dos coronéis deu lugar a um controle social mais sutil, empreendido pela teatralização da vida social.

O livro apresenta as várias artimanhas utilizadas pela elite uberabense para manter a aura de superioridade e sustentar seu poder simbólico. Um desses pontos era a encenação do próprio requinte, em contraste com a estrutura urbana precária da cidade. Fonseca lança mão do conceito de “teatrocracia” de Georges Balandier para mostrar como, a partir dos imaginários sociais, a coletividade constrói uma representação de si. A partir dessa perspectiva, ele observou que, na década de 1940, a imprensa de Uberaba servia, acima de tudo, para estabelecer um palco para a elite local. Se por um lado a cidade era caracterizada pela pobreza generalizada, por outro impunha-se a narrativa, através dos jornais, de uma terra próspera e civilizada, povoada por uma elite instruída e avançada. Assim, o jornal *Lavoura e Comércio* teve papel fundamental na construção da imagem da elite distinta e elegante da cidade empobrecida. Fonseca destaca que as melhorias urbanas da época contribuíram para sustentar esse imaginário. Mas a realidade concreta do município era diferente da fantasia encenada nas páginas de jornais.

Entre as táticas adotadas por esses atores sociais está o que o historiador chama de “circuitos de amabilidade”. Em suma, esses uberabenses tidos como distintos trocavam elogios efusivos entre si. Um exemplo trazido no livro é o caso do diretor do departamento de eletricidade da época: se por um lado o serviço era reconhecidamente ruim, por outro esse personagem era descrito como “ilustrado”,

“idôneo” e “culto” nas páginas dos jornais. Outra forma de distinção era fazer parte de clubes e associações, que inflacionavam a importância social dos personagens e garantiam elogios superlativos na imprensa. Mais além, a obra destaca os louvores circulares entre esses atores sociais que se adulavam e, naturalmente, esperavam reciprocidade dos pares: aos jornais cabia moldar a reputação dessas elites.

O historiador aponta como a elite uberabense portava-se de formas distintas para obter poder; uma das formas eram as ações caridosas voltadas às crianças de rua e às classes marginalizadas, encenando uma imagem piedosa e misericordiosa. Mas, ao mesmo tempo, a imprensa criava uma representação assustadora das crianças em situação de rua e dos mendigos leprosos, descrevendo-os como criaturas ameaçadoras. Já as elites agrárias tinham, por um lado, fortuna e poder; e, por outro, a presença na imprensa para firmar uma certa mitologia no imaginário social.

Nos anos 1940, os grupos de status locais se empenhavam não apenas para garantir consideração pública, mas para convencer a cidade de que as lideranças deveriam ser veneradas e cultuadas. Nesse sentido, o domínio de regras de etiqueta era fundamental para o exercício do controle social por meio de violência simbólica. Assim, a elite uberabense, que buscava se associar à ideia de caridade, mantinha mecanismos repressivos para civilizar o município pela força. Naturalmente, as violências mais eficazes eram conduzidas de forma polida e refinada.

Um dos problemas sociais mencionados pelos jornais da época, aponta Fonseca, dizia respeito aos mendigos leprosos, que com o tempo criaram um paradoxo moral naquela sociedade: enquanto eram um público-alvo para a publicidade caridosa daqueles atores sociais, por outro ameaçavam a cidade devido à possibilidade de contágio involuntário. Para justificar a repressão e o expurgo dessas pessoas, a imprensa disseminou uma representação social que as associava a criaturas monstruosas e subumanas. Depois de um longo processo de estigmatização, as pessoas portadoras da doença foram presas em leprosários e banidas do convívio social.

Outro aspecto abordado é o exagero em relação ao protagonismo da cidade. Esse ufanismo, sempre projetando o potencial uberabense para o futuro, marcou os discursos das elites locais. Essa teatralização, pontua Fonseca, era plenamente

consciente por parte das elites locais - elas aceitam essas aparências e deixam-se enganar por elas, pois essas pessoas se beneficiavam com a fabulação.

O último capítulo do livro, *Cinderela ou cidadã*, narra o alvoroço social que marcou a visita da Miss Brasil Jussara Márquez, a “Cinderela do Sertão”, a Uberaba. No início de 1950, as elites da metrópole imaginária viram uma oportunidade de ouro para se associar à imagem da celebridade. Os jornais destacaram várias edições para notificar a visita de Jussara - frustrada em várias ocasiões. Fonseca ressalta a forma como políticos tentavam se apropriar da mitologia de Márquez para fins eleitorais. Segundo o historiador, essa excitação com a presença dessa celebridade evidencia a carência de símbolos daquela magnitude na cidade. Essa ansiedade também denunciava uma intenção política manifestada no campo das relações sociais: no teatro social de Uberaba, cultuar a visita da miss era evidenciar a própria cidade.

Atualmente, Uberaba é o 8º maior de Minas Gerais. Os palacetes dos pecuaristas, que monumentalizaram um ideal de prestígio no passado, foram quase todos desconfigurados. Outros símbolos do imaginário metropolitano também ruíram com o tempo. E a cidade cresce como qualquer outra, sem muita organização. Nesse contexto, o livro *A Metrópole Imaginária* oferece uma contribuição interessante, nos campos da História e da Comunicação, sobre as estratégias de teatralização social mobilizadas por elites interioranas para impor um determinado imaginário coletivo de progresso. Nessa leitura, colunas sociais deixam de ser interpretadas como um maneirismo inofensivo, pois se revelam como espaços eminentemente políticos, onde personagens disputam distinção social. A perspectiva teórica e metodológica da imaginação social pode contribuir para outras pesquisas no campo da historiografia e da comunicação.